

drada, José Alvares Maciel, padre Carlos Corrêa de Toledo e Mello, e coronel Domingos de Abreu Vieira.

---

## TRAÇOS BIOGRAFICOS

Dona Maria I, a *Piedosa* (1734-1816), filha de dom José I, casada com seu tio, dom Pedro III. Reinou de 1777 a 1816. Destituiu e fez processar o marquês de Pombal.

Foram principais figuras do seu reinado, Martinho de Mello e Castro, o duque de Lafões, e Sousa Coutinho, arcebispo de Tessalonica.

Fundou a *Academia de Ciencias, Biblioteca Pública e Casa Pia*. Em 1792, a emoção produzida pelos successos da Revolução Francesa alteraram-lhe as faculdades mentais, assumindo a regência o príncipe dom João. Em 1807, com a trasladação da côrte e família real portuguesa veio para o Brasil, onde faleceu, em estado de demencia, em 1816.

---

## PONTO 15º — LIÇÃO 40º

TIRADENTES NA INCONFIDENCIA. TRAIÇÃO DE SILVERIO DOS REIS. PRISÃO DOS CONJURADOS, EXECUÇÃO DE TIRADENTES NO RIO DE JANEIRO E DEGREDADO DOS CO-REOS

O surto nativista da *Inconfidencia Mineira* em 1789 teve por figura central e seu protomartir o alferes do regimento de dragões da capitania das Minas Gerais Joaquim José da Silva Xavier, o TIRADENTES, e, em segundo plano, os poetas Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa, além de José Alvares Maciel e os tenentes coroneis Francisco de Paula

Freire de Andrada, do regimento dos dragões, cunhado dêste último, coronel Domingos de Abreu Vieira, compadre e amigo de TIRADENTES; padre Carlos Corrêa de Toledo e Mello, vigário de São José; sargento-mór Luiz Vaz de Toledo Pisa, irmão dêste último; sargento-mór José Joaquim da Rocha, os dois José Rezende Costa, pai e filho, Domingos Vidal Barbosa e outros.

O coronel Joaquim Silverio dos Reis foi o delator da conspiração (15 de Março de 1789), que teve outros espiões, como o tenente-coronel Bazilio de Brito Malheiro, encarregado de vigiar os conjurados: dr. Claudio Manuel da Costa, o desembargador Thomaz Gonzaga e o conego Luiz Vieira.

Outro delator foi o mestre de campo Ignacio Corrêa Pamplona.

Além dêsses inconfidentes, foram envolvidos na conjuração Francisco Antonio de Oliveira Lopes, Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, Vicente Vieira da Motta, João da Costa Rodrigues, Fernando José Ribeiro, Antonio de Oliveira Lopes, José Dias Motta, Victorino Gonçalves Velloso, coronel José Ayres Gomes, José Martins Borges, conego Luiz Vieira da Silva, padres Manoel Rorigues da Costa, José da Silva e Oliveira Rollim, padre José de Oliveira Lopes.

De posse do segredo da trama, o coronel de dragões Joaquim Silverio dos Reis, que era grande devedor do erario régio, resolveu logo fazer a delação ao governador da capitania, meio de alcançar o perdão de seu débito fiscal.

Nesse intuito, seguiu para Cachoeira do Campo, e a 15 de Março de 1789 apresentava ao general governador da capitania, visconde de Barbacena (Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro) a denúncia verbal.

Ordenou este ao delator que fizesse por escrito a denúncia. A carta delatora traz a data de 11 de



Abril dêsse ano, tendo sido entregue pessoalmente a 19 seguinte.

O visconde de Barbacena, sabendo que TIRADENTES se destinava ao Rio, encarregou ao coronel Silverio de acompanhá-lo.

Desfechou então o governador das Minas golpe decisivo contra a projetada conspiração, suspendendo incontinentemente a derrama.

Cessado este pretexto para o levante popular, ninguém se revoltaria contra o govêrno; e o movimento fracassou.

Em seguida abriu-se a devassa que colheu em suas malhas avultado número de indiciados, alguns dos quais sem responsabilidade alguma, mas, não obstante, foram presos, submetidos a interrogatorios, sendo após remetidos ao Rio de Janeiro, para o julgamento da alçada do Tribunal da Relação na Côrte do então vice-rei, conde de Rezende.

Claudio Manuel da Costa suicidou-se na prisão dos Contos em Vila Rica, enforcando-se na noite de 4 de Julho.

Nesse entretanto, chegava TIRADENTES ao Rio, a 25 de Abril, sob a vigilancia secreta do furriel Manoel Luiz Pereira que o precedera e lhe havia assistido ás conversas em prol da revolta na fazenda das Cebolas.

Pelo caminho, nos sítios por onde ia passando, em Varginha, perto de Queluz, na estalagem de João da Costa Rodrigues; em Bananeiras, no sítio de João Dias da Motta, vinha o alferes revoltoso fazendo a propaganda ás escancaras, sem o menor disfarce ou cuidado.

Pouco tempo depois, chegava ao Rio de Janeiro o traidor Joaquim Silverio, a quem TIRADENTES, de boa fé, de tudo ia dando ciencia.

Enquanto de passagem no Rio, hospedou-se TIRADENTES em casa de Domingos Fernandes da Cruz, á rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias, onde, foi

preso a 10 de Maio de 1789, sendo conduzido á fortaleza da ilha das Cobras.

Tendo essa noticia chegado a Vila Rica, pouco depois eram feitas em varios pontos as prisões dos demais conjurados.

Duas devassas foram logo abertas, uma em Minas Gerais pelo governador visconde de Barbacena; e outra no Rio, pelo vice-rei conde de Rezende, dando logar a varios conflitos de jurisdição e exceções proletrias.

TIRADENTES, submetido a onze interrogatorios, manteve-se sempre em digna sua attitude, buscando atrair sobre si exclusivamente toda a responsabilidade do movimento, sem acusar a quem quer que fosse.

O padre Rollim foi quinze vezes interrogado.

O processo de TIRADENTES teve no Rio o seguinte andamento: na vespera do Natal de 1790, chegou á côrte a Alçada, investida de plenos poderes régios para o julgamento dos réos.

Em 21 de Outubro do ano seguinte foi aberta aos acusados a dilação de cinco meses para falarem nos autos, por seu defensor, o advogado da Santa Casa da Misericordia, José de Oliveira Fagundes.

Só a leitura dos volumosos autos reclamava maior prazo: a defesa foi, porém, habil.

A 17 de Abril de 1792 eram todos os réos, á excepção de cinco clérigos, transferidos das masmorras da ilha das Cobras para a sala do Oratorio, na cadeia pública, depois Camara dos Deputados e atual palacio Tiradentes.

A 18 de Abril foi lavrada pelos juizes a sentença, trabalho em que consumiram 18 horas a fio.

Na madrugada de 19, essa sentença foi lida durante duas horas e publicada aos réus.

Dez dos conjurados, inclusive os ecclesiasticos, foram condenados á pena capital; outros ao degredo



perpétuo em Africa; mas os juizes estavam autorizados por carta régia de dona Maria I, de 15 de Outubro de 1790 a comutar essa pena.

Havia 18 mezes, portanto.

Não obstante real magnanimidade passou em silêncio, para armar ao efeito a cena de escarmento popular.

Só na manhã de 20 de Abril, sexta-feira, foi lida a segunda sentença comutatoria, pela qual unicamente o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o TIRADENTES, devia subir ao patibulo; os demais teriam degrêdo perpétuo ou por dez e oito anos em Africa; José Martins Borges, além de 10 anos de galés, foi condenado á pena de açoites em público.

Claudio Manuel da Costa teve declarados infames sua memoria, seus filhos e netos; os sacerdotes foram presos em conventos em Lisboa. Oito foram absolvidos, entre os quais Domingos Fernandes da Cruz, que recebeu o TIRADENTES em sua casa da rua dos Latoeiros, no Rio. Francisco José de Mello e Manuel do Rego Fontes morreram na prisão. Os drs. Diogo Ribeiro de Vasconcellos, José Pereira Ribeiro e outros foram soltos logo depois.

Condenado á morte na forca, esquartejamento e pena de infamia, aplicada tambem aos seus descendentes, o protomartir TIRADENTES foi executado num sabado, 21 de Abril de 1792, por volta do meio dia, no antigo campo da Polé, proximo sítio onde fica a actual igreja da Lampadosa e o teatro João Caetano.

Serviu de carrasco o negro *Capitania*; e deu-lhe o conforto espiritual dos ultimos momentos o guardião do convento de Santo Antonio, frei José de Jesus Maria do Desterro.

O cortejo, que saíra da cadeia velha, pelo Terreiro do Paço (praça Quinze de Novembro), ás 7 horas da manhã, foi dos mais luzidos.

Formaram os regimentos de *Elvas*, ou de *Moura*, comandante Coimbra, desde a Cadeia Velha até o fim da rua do Piolho (depois da Carioca), a artilharia, comandante Silva Santos, no largo de São Francisco; os 1º e 2º regimentos do Rio e o de Extremós ou Chichorro, comandados pelo brigadeiro Pedro Alves de Andrade, em triangulo, desde o campo da barreira de Santo Antonio até o campo da Polé ou São Domingos.

A multidão enchia as ruas, sacadas e trapeiras. Dobravam os sinos de São José e do Carmo.

A' frente vinham os frades franciscanos com tochas acesas com a cruz alçada.

A irmandade da Misericórdia com os mordomos e irmãos de azul, o condenado de mãos amarradas, com a alva branca e crucifixo e a corda ao pescoço, ao lado do carrasco, que segurava uma das pontas da corda, os magistrados a cavalo, o desembargador escrivão Luiz Alves da Rocha, que lavrou o auto de execução; o desembargador do crime, José Feliciano da Rocha Gameiro; o ouvidor da Camara José Antonio Valente, o presidente do Senado da Camara e juiz de fóra Balthazar da Silva Lisboa.

Duas companhias do esquadrão do vice-rei á vanguarda e atraz do cortejo, comandadas por seu filho dom Luiz de Castro Benedicto, e, por fim, uma carreta puxada por doze galés, que deveria conduzir o corpo para ser esquartejado, o que se verificou em seguida ao enforcamento, na Casa do Trem (antigo Arsenal de Guerra, na ponta do Calabouço), sendo a operação praticada pelo carrasco, ajudado por dous galés da carreta.

Domingo, 22, fez-se a salga dos despojos, feita pelo carrasco; escoltados por guardas do regimento de Extremós, seguido de tres officiais de justiça, foram remetidos em surrões de couro e conduzidos no lombo de animais para Minas Gerais, onde seriam expos-



tos, segundo ordenava a sentença da Alçada: um quarto no sitio de Cebolas, um quarto em Varginha, outro na Borda do Campo, outro em Bandeirinha, pontos que assinalavam a passagem de TIRADENTES, em sua propaganda; e a cabeça na praça pública de Villa Rica, sede da conjuração, atual praça TIRADENTES, nome também depois ao antigo Rocio do Rio de Janeiro, onde se perpetuou o martirio e que antes se chamava praça da Constituição.

Em diferentes naus, a 5 de Maio e 24 de Junho, seguiram os degredados para a Africa: o coronel Francisco de Paula Gomes Freire de Andrada, para Pedras de Ancoche; Alvares Maciel, para Massaga; Alvarenga Peixoto, para Ambaca; Toledo Pisa, para Cambambá; Antonio Lopes para Bihé; Domingos Vieira, acompanhado do seu fiel escravo, o preto Nicoláo, para Machemba; Amaral Gurgel para Catala — todos com degrêdo perpétuo; Thomaz Gonzaga, para Moçambique, Vidal Barbosa para São Tiago, José de Rezende Costa pai, para Bissáo e o filho para Cabo Verde, todos por 10 anos; além dos que tiveram outros destinos.

A *Conjuração Mineira* contava com homens de valor, posição social, entre eles o comandante dos dragões, segunda pessoa da capitania em autoridade; mas não contava com o apôio decisivo do Rio e de São Paulo, onde a irritação da derrama, si levada a efeito, não despertaria interesse algum.

Uma vez explodido o movimento, facil seria ao govêrno portuguez circumscrevê-lo e sufocá-lo.

---

## QUADRO SINOTICO

A *Conjuração Mineira*, surto nativista de 1789, em Vila Rica, teve por figura central e protomartir o alferes do regimento de dragões, Joaquim José da

Silva Xavier, cognominado o TIRADENTES, por vultos de mais destaque os poetas desembargadores Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa e Ignacio José da Alvarenga Peixoto. Contava ainda com um homem de prestígio, o comandante dos dragões, tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrada.

Serviu de pretexto ao malogrado motim a derrama do quinto e estabelecimento das casas de fundição do ouro, em Minas Gerais. O coronel Joaquim Silverio dos Reis, de posse do segredo, delatou-o ao governador visconde de Barbacena, que mandou prender os conspiradores. TIRADENTES foi prêso no Rio, a 10 de Maio de 1789 — e recolhido ao calabouço da ilha das Cobras, como os demais vindos de Minas; condenado á morte na fôrça, foi executado a 21 de Abril de 1792, no campo da Polé, no Rio de Janeiro. Os demais conjurados foram degredados uns perpetuamente, outros por dez e outros por oito anos para a Africa, onde alguns faleceram.

O corpo de TIRADENTES sofreu ainda esquartejamento, seus despojos foram expostos nos principais sítios da propaganda subversiva; e sua memória declarada infame em seus decendentes.

---

## NOTAS BIOGRAFICAS

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER, o *Tiradentes* (1746-1792), nacido no sítio do Pombal, São João del Rei, era filho de Domingos da Silva Santos e Antonia da Encarnação Xavier, quarto dos sete irmãos, dos quais dois foram padres. Orfão aos nove anos.

Sua familia tinha a fazenda do Pombal, com capela e engenho.

Era homem inteligente, de certa cultura e de bom coração; seus avós paternos eram portugueses, a avó materna, brasileira, paulista.



Alvarenga Peixoto pinta-o na devassa como “um oficial feio e espantado”.

Seu compadre Domingos Vieira, chama-o “aquele malvado TIRADENTES”; mas o inconfidente conego Manoel Rodrigues da Costa, descreve-o: “o Xavier era um rapaz simpatico”.

Entendia um pouco de mineralogia, segundo dele afirma o governador dom Luiz da Cunha Menezes, tendo desempenhado uma comissão dessa natureza, que exigia coragem e prudencia na serra da Mantiqueira.

Seus planos de conduzir para o abastecimento da cidade do Rio de Janeiro as aguas dos rios Andaraí e Maracanã, serviços que mais tarde foram realizados, diz Lucio José dos Santos, em seu resumo didatico da *História de Minas Gerais* — demonstra que era um homem inteligente e empreendedor.

“Não era, pois TIRADENTES um homem vulgar.”

Conservou-se solteiro; teve um filho e uma filha naturais. Escolheu a profissão de dentista, negociante ambulante e curandeiro.

Como alferes do regimento de dragões da capitania das Minas Gerais, foi quatro vezes preterido: resolveu então tentar, sem exito, a mineração, no sítio do Parahibuna, perto do Menezes, com bastante mata, terras minerais, casa de vivenda e senzalas.

Possuia tres escravos e uma escrava.

Nada conseguindo, porém, antes endividando-se, foi que resolveu seguir, licenciado, para o Rio de Janeiro, em 1788, afim de apresentar ao vice-rei dom Luiz de Vasconcellos e Souza seus planos de captação das aguas dos rios Maracanã e Andaraí.